

O
GAROTO
NO
CONVÉS
JOHN
BOYNE

Tradução
LUIZ A. DE ARAÚJO

Copyright © 2008 by John Boyne

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

MUTINY ON THE BOUNTY

Capa

KIKO FARKAS E ANDRÉ KAVAKAMA / MÁQUINA ESTÚDIO

Imagem da capa

ISTOCK

Preparação

ANTONIO CARLOS SOARES

Revisão

GABRIELA UBRIG TONELLI

LARISSA LINO BARBOSA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boyne, John

O garoto no convés / John Boyne ; tradução Luiz A. de Araujo. — 2ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : Mutiny on the Bounty

ISBN 978-85-359-2337-7

1. Ficção histórica 2. Ficção irlandesa I. Título

13-09256

CDD-823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção histórica: Literatura irlandesa 823.9

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

PRIMEIRA PARTE

A proposta 13

SEGUNDA PARTE

A viagem 39

TERCEIRA PARTE

A ilha 149

QUARTA PARTE

A barca 223

QUINTA PARTE

O retorno 299

Referências 323

PRIMEIRA PARTE

A proposta

PORTSMOUTH, 23 DE DEZEMBRO DE 1787

1.

Era uma vez um fidalgo, um homem alto, com ares de superioridade, que todo primeiro domingo do mês aparecia no mercado de Portsmouth a fim de abastecer sua biblioteca.

Eu o identificava logo pela carruagem, conduzida por um cocheiro. Era preta de um preto nunca visto; no alto, porém, tinha uma fileira de estrelas prateadas, como se o sujeito estivesse interessado num outro mundo que não este. Ele passava a maior parte da manhã fuçando as bancas de livros montadas em frente às livrarias ou correndo os dedos na lombada dos que ficavam lá dentro nas estantes; tirava uns para olhar as letras escritas, passava outros de uma mão para outra enquanto examinava a encadernação. Juro que ele quase chegava a cheirar a tinta das páginas de tanto que as aproximava do rosto. Em certos dias, ia embora com caixas repletas de volumes, as quais ele mandava prender com uma corda na capota da carruagem para que não caíssem. Outras vezes, ficava satisfeito quando achava um único volume que lhe despertasse o interesse. Mas, enquanto ele abria a carteira para pagar as compras, eu sempre dava um jeito de surrupiar alguma coisa do seu bolso, pois esse era meu ofício na época; pelo menos um dos meus ofícios. De quando em quando, furtava um lenço, e Floss Mackey, uma conhecida minha, cobrava uns tostões para desmanchar o monograma bordado — MZ —, e então eu o vendia por um *penny* a uma lavadeira, e esta, por sua vez, passava-o adiante com um bom lucro, o qual lhe garantia o gim e o pickles de cada dia. Havia ocasiões em que o homem largava o chapéu numa carroça em frente a uma loja de artigos masculinos, e eu também o furtava para trocá-lo por um saco de bolinhas de gude e uma pena de corvo. Às vezes tentava bater-lhe a carteira, mas ele a guardava bem, como fazem os cavalheiros; quando a tirava para pagar o livreiro, eu percebia que era do tipo que gostava de levar o dinheiro consigo e eu jurava que um dia aquilo ia ser meu.

Falo nisso agora, bem no começo desta narrativa, para contar uma coisa que aconteceu numa daquelas manhãs de domingo em que o ar estava inusitadamente

quente para a semana do Natal; e as ruas, inusitadamente tranquilas. Achei decepcionante já não haver cavalheiros nem damas fazendo compras naquela época, pois estava de olho num almoço especial, dali a dois dias, para comemorar o nascimento do Salvador, e precisava de um *shilling* para pagá-lo. Mas lá estava ele, o meu fidalgo particular, muito bem-vestido e deixando um rastro de colônia por onde passava, e eu a zanzar atrás dele à espera do momento de dar o bote. Normalmente, seria preciso que uma manada de elefantes atravessasse o mercado para distraí-lo das suas leituras; mas, naquela manhã de dezembro, ele resolveu olhar para mim e, por um instante, cheguei a pensar que havia me descoberto e que eu estava liquidado, muito embora ainda não tivesse cometido nenhum delito.

“Bom dia, rapazinho”, disse ele, tirando os óculos, e me examinou esboçando um sorriso, bancando o metido. “Bela manhã, não acha?”

“Para quem gosta de sol no Natal”, respondi com petulância. “Eu não gosto.”

O cavalheiro pensou um momento, estreitou os olhos e, inclinando um pouco a cabeça para o lado, mediu-me de alto a baixo. “Bom, isso tem explicação”, disse, parecendo não saber ao certo se concordava ou não. “Você preferia que estivesse nevando, imagino. Os meninos geralmente preferem.”

“Os meninos, talvez”, retruquei, empinando o corpo para mostrar toda a minha estatura, que não chegava nem perto da dele, mas era maior do que a de alguns. “Os homens não.”

Ele sorriu e continuou me examinando. “Desculpe-me”, disse, e eu notei um sotaque, um leve sotaque. Francês, quem sabe, embora o dissimulasse muito bem. “Não tive intenção de insultá-lo. É evidente que você já tem uma idade respeitável.”

“Exatamente”, concordei, fazendo uma leve mesura. Tinha completado catorze anos dois dias antes, na noite do solstício, e decidira dali por diante não deixar ninguém me tratar como criança.

“Eu já o vi por aqui, não é?”, perguntou ele, e eu pensei em ir embora sem responder, já que não tinha tempo nem vontade de conversar fiado, mas preferi ficar. Se ele fosse francês, como eu acreditava, aquele lugar era meu, não dele. Quer dizer, pelo fato de eu ser inglês.

“Pode ser que sim”, respondi. “Eu não moro muito longe.”

“E eu posso perguntar se acabo de descobrir um *connoisseur* das artes?”, prosseguiu o homem, e eu enruguei a testa, pensando, colhendo suas palavras como carne num osso e empurrando a língua no canto da boca para que ficasse saliente, daquele jeito que fazia Jenny Dunston me chamar de deformado e imprestável. Uma coisa é típica dos cavalheiros: nunca dizem com cinco palavras aquilo que podem dizer com cinquenta. “O que o traz aqui é o amor à literatura, suponho?”, perguntou então, o que me irritou e me deu vontade de soltar um palavrão, dar meia-volta e ir procurar outro otário. Mas ele soltou uma gargalhada, como se eu fosse um idiota, e ergueu diante de mim o pacote que estava segurando. “Você gosta de livros?”, indagou enfim, simplificando a linguagem. “Gosta de ler?”

“Gosto”, admiti, meio pensativo. “Mas nem sempre tenho livros para ler.”

“Não, imagino que não”, disse ele tranquilamente, examinando minha roupa dos pés à cabeça, e suponho que tenha percebido, pelo variegado da indumentária, que naquele momento eu não estava nadando em dinheiro. “Mas um jovem como você devia ter sempre acesso aos livros. Eles enriquecem o espírito, sabe? Fazem perguntas sobre o universo e nos ajudam a compreender um pouco mais o nosso mundo.”

Eu assenti com um gesto e desviei o olhar. Não estava acostumado a conversar com fidalgos e era maluquice fazer isso numa manhã como aquela.

“Eu só perguntei...”, prosseguiu ele, como se fosse o próprio arcebispo de Canterbury fazendo sermão a uma plateia de um só, mas sem desanimar pela falta de ouvintes, “só perguntei porque tenho certeza de já o ter visto por aqui. Isto é, no mercado. Principalmente perto das livrarias. É que eu tenho em alta estima os jovens leitores. Meu sobrinho, ora, não consigo fazê-lo ir além do frontispício de qualquer livro que abra.”

Era verdade que eu sempre fazia negócio nas livrarias, mas somente porque elas eram um bom lugar para enganar os trouxas, apenas isso; afinal, só quem tem dinheiro sobrando é que compra livros. Mas a pergunta, embora não fosse uma acusação, deixou-me irritado, de modo que resolvi esticar um pouco a conversa e ver se conseguia ludibriá-lo.

“Bem, eu adoro uma boa leitura”, disse, esfregando as mãos e fazendo cara de mais estudioso do que filho do duque de Devonshire, todo abotoadinho na roupa de ver Deus, de orelhas limpas e dentes escovados. “Ah, adoro mesmo. Aliás, tenho vontade de visitar a China se um dia arranjar tempo fora das minhas atividades atuais.”

“A China?”, perguntou o cavalheiro, olhando para mim como se eu tivesse vinte cabeças. “Desculpe, você disse a China?”

“Isso mesmo”, respondi, com uma leve reverência, imaginando por um momento que, se ele me achasse educado, talvez fizesse de mim o seu criado e me mantivesse no luxo; uma mudança de situação, sem dúvida, e nada desagradável.

O homem continuou me encarando, e eu desconfiei que ele tivesse entendido mal aquilo tudo, pois parecia bem confuso com o que eu acabava de dizer. Na verdade, o sr. Lewis — que cuidou de mim durante meus primeiros anos, e em cujo estabelecimento eu morava desde que me conheci por gente — só me deu dois livros na vida e ambos contavam histórias ambientadas na China. O primeiro falava num homem que viajava para lá num barco caindo aos pedaços e era obrigado a executar uma infinidade de tarefas para que o imperador lhe desse a mão de sua filha. O segundo tinha um enredo divertido e era cheio de ilustrações, e o sr. Lewis o mostrava de vez em quando e me perguntava se ele me servia de exemplo.

“Aliás, cavalheiro”, disse-lhe, avançando um passo e relanceando seus bolsos para ver se havia um ou dois lenços extraviados tentando pular para fora em busca de liberdade e de um novo dono, “pode parecer pretensioso da minha parte, mas sonho ser escritor de livros quando crescer.”

“Escritor”, disse ele rindo, e eu fiquei petrificado, o rosto como de granito. Assim se comportam os fidalgos. Por mais que se mostrem simpáticos à primeira vista, basta você expressar o desejo de subir na vida, talvez de um dia também chegar a ser fidalgo, e eles o tomam por idiota.

“Desculpe-me”, disse o homem, notando a minha contrariedade. “Não foi por zombaria, garanto. Pelo contrário, aprovo sua ambição. Você me pegou de surpresa, só isso. Escritor”, repetiu, vendo que eu continuava calado, sem aceitar nem rejeitar o pedido de desculpas. “Ótimo, espero que se saia bem, senhor...?”

“Turnstile, cavalheiro”, me apresentei, tornando a inclinar o corpo por força do hábito — hábito, aliás, que estava tentando perder, pois minhas costas não precisavam de tanto exercício assim, e nem os grã-finos de adulação. “John Jacob Turnstile.”

“Pois lhe desejo muita sorte, senhor John Jacob Turnstile”, disse ele com uma voz que me pareceu quase agradável. “As artes são um empreendimento admirável para um rapaz que pretende se aprimorar. Aliás, eu dedico a vida a estudá-las e fomentá-las. Confesso que sou bibliófilo desde o berço e que isso enriqueceu minha vida e proporcionou às minhas noites a mais gloriosa das companhias. O mundo precisa de bons contadores de história e talvez você venha a ser um deles se perseguir seu objetivo. Conhece bem as letras?”, perguntou, virando um pouco a cabeça para o lado como um mestre-escola aguardando resposta.

“A, B, C”, respondi com a voz mais impostada que me saiu. “Acompanhadas de suas compatriotas de D a Z.”

“E tem boa caligrafia?”

“O sujeito que cuida de mim disse que a minha letra lembra a da mãe dele, e *ela* era ama de leite.”

“Neste caso, recomendo-lhe comprar muito papel e tinta, meu rapaz. E comece logo, pois essa arte leva tempo e exige muita concentração e revisão. Você espera ganhar dinheiro com isso, não?”

“Espero, *sir*”, respondi... e então aconteceu uma coisa estranhíssima! Descobri que, na minha cabeça, eu já não estava representando uma farsa para ele, pensava em como seria bom ser escritor. Porque eu *tinha gostado* muito das histórias que lera sobre a China e porque, no mercado, *passava* a maior parte do tempo perto das livrarias, embora houvesse muito mais otários nas proximidades das lojas de tecidos e das tabernas.

Dando a impressão de já ter encerrado a conversa, o cavalheiro tornou a pôr os óculos no nariz. Mas, antes que ele desse meia-volta, eu tive a audácia de lhe fazer uma pergunta.

“*Sir*”, disse, com um patente nervosismo na voz, a qual tentei controlar tornando-a mais grave. “O senhor me dá licença?”

“Pois não.”

“Se eu *quiser* ser escritor”, prossegui, escolhendo as palavras com cuidado, pois queria que ele me desse uma resposta sensata, “se eu *quiser* mesmo tentar

uma coisa dessas, já que aprendi as letras e tenho boa caligrafia, por onde devo começar?”

O homem riu um pouco e deu de ombros. “Bom, eu reconheço que nunca tive o toque criativo. Sou mais patrono que artista. Mas, se eu fosse contar uma história, acho que tentaria encontrar a situação primordial, aquele ponto singular da narrativa que põe tudo em movimento. Eu procuraria esse momento e começaria a história a partir dele.”

Ele acenou a cabeça, dispensando-me enfim, e voltou às suas compras. Eu fiquei pensativo.

A situação primordial. O momento que põe tudo em movimento.

Isso eu menciono aqui e agora porque, *para mim*, o momento que pôs tudo em movimento foi justamente o encontro, dois dias antes do Natal, com aquele fidalgo francês, sem o qual talvez eu não tivesse vivido nem os dias radiantes nem os tenebrosos que estavam por vir. Sem dúvida, se ele não estivesse lá naquela manhã de Portsmouth, se não tivesse deixado o relógio fora do bolso do colete, a rebrilhar de modo tão tentador, talvez eu não avançasse um passo para transferi-lo do opulento calor do forro de seu sobretudo para o frio conforto dos meus andrajos. É improvável que me afastasse dele com cautela, do modo como aprendi, assobiando uma melodia simples para simular a naturalidade do sujeito mais despreocupado do mundo, totalmente entregue a atividades honestas. E, com toda certeza, eu não teria ido para a entrada do mercado, satisfeito por saber que já havia ganhado o dinheiro daquela manhã, tinha portanto com que pagar o sr. Lewis e, dali a dois dias, estaria me refestelando com a ceia de Natal.

E, se não tivesse feito *aquilo*, não me seria dado o prazer de ouvir o apito penetrante de um policial, de ver a multidão voltar para mim o olhar enfurecido, com os membros prontos para agir, nem de sentir a cabeça moída ao bater nos paralelepípedos quando um grandalhão e bem-intencionado palhaço pulou em cima de mim, deixando-me atordoado e colado ao chão.

Nada disso teria acontecido e é possível que eu nunca tivesse história para contar.

Mas aconteceu. E eu a tenho. Ei-la.

2.

Fui levado repentinamente! levaram-me como a um saco de batata, um saco de batata já em forma de purê. São esses os momentos em que a vida não é da gente, em que os outros o agarram e o levam e o obrigam a ir aonde você não tem a menor intenção de ir. E isso eu devia saber, já que, em catorze anos, havia passado mais momentos assim do que merecia. Mas, quando se ouve o apito e a multidão ao redor se vira e fita na gente olhos malignos, pronta para acusar, processar e julgar, ora, nesse instante você pode tanto cair de joelhos e rogar a Deus que o faça sumir no ar quanto ter esperança de escapar sem o nariz sangrando ou um olho roxo.

“Parem!”, gritaram para além do amontoado de gente, mas eu não tinha como saber quem era, coberto que estava pelo peso de quatro comerciantes e de uma mulher meio idiota que se colocara por cima da turba e gritava, ria, batia palmas como se não tivesse presenciado acontecimento melhor no ano todo. “Parem! Vocês vão esmagar esse menino!”

Era raro ouvir alguém defendendo um jovem delinquente da minha laia, e jurei agradecer ao que gritou aquelas palavras se um dia voltasse a ver a luz do dia. Sabendo das indignidades que me aguardavam, fiquei contente em passar alguns momentos ociosos estendido nos paralelepípedos, com uma casca de laranja comprimida nas narinas, o resto de uma maçã podre encostado nos lábios e um enorme e imundo traseiro acomodado na orelha esquerda.

Mas não tardou para que uma fresta de luz se abrisse em meio à confusão de corpos em cima de mim, e eles foram se levantando um a um, o peso sobre o meu pobre esqueleto começou a diminuir gradualmente, e quando o dono do gordo e sujo traseiro saiu de cima da minha cabeça, passei mais um momento estendido no chão, olhando para cima e tentando avaliar as minhas opções. Logo, porém, vi a mão de um policial se aproximar e me agarrar a lapela sem a menor cerimônia.

“Levante já, moleque”, disse ele, colocando-me de pé. Para minha vergonha, cambaleei um pouco, tentando recuperar o equilíbrio, e as pessoas que assistiam à cena riram de mim.

“Ele está bêbado”, gritou não sei quem, uma grande calúnia, pois nunca tomo um trago antes da hora do almoço.

“Um larápio?”, perguntou o policial, sem fazer caso do mentiroso.

“Isso mesmo, *foi* um larápio”, eu disse, tentando sacudir a poeira e me perguntando até onde conseguiria chegar se me soltasse com um safanão e desandasse a correr. “Ele tentou roubar o relógio do cavaleiro e, se não fosse eu para agarrá-lo e chamar a polícia, teria roubado mesmo. Um herói, isso é o que sou, só que esse gordo idiota pulou em cima de mim e só faltou me matar. O *ladroão*”, acrescentei, apontando para um lugar qualquer, e todos viraram a cabeça um momento mas logo tornaram a olhar para mim, “correu para lá.”

Olhei à minha volta, procurando avaliar a reação da multidão, sabendo perfeitamente que ali não havia nenhum cretino capaz de acreditar numa mentira tão deslavada. Mas eu estava tentando pensar depressa, e me ocorreu o seguinte:

“Era um irlandês.” Disse isso porque os irlandeses eram detestados em Portsmouth por seu cafajestismo e maus modos e devido ao costume de procriar com as próprias irmãs, de modo que era fácil pôr a culpa neles de tudo que escapasse à retidão e à legalidade. “Ele falava uma língua impossível de entender, sabe, tinha cabelo vermelho e olhos esbugalhados.”

“Mas então”, disse o guarda, olhando para mim de cima para baixo, ele era tão alto que parecia capaz de voar, “o que é isso?” E, enfiando a mão no meu bolso, tirou o relógio do fidalgo francês; eu fiquei olhando para ele, com os olhos saltados de surpresa.

“Que sem-vergonha”, gritei com ultraje na voz. “Aquele vândalo herege! Ai, estou perdido! Ele o enfiou aqui, juro, enfiou no meu bolso antes de fugir. Os irlandeses fazem essas coisas, sabe, quando percebem que não vão conseguir escapar. Tentam pôr a culpa nos outros. Para que eu ia querer um relógio? Sou dono do meu tempo!”

“Pare de mentir”, disse o policial, sacudindo-me outra vez para que eu obedecesse e me segurando de um modo que eu juro que estava até meio assanhado para o meu lado. “Vamos ver o que mais você escondeu nessa roupa imunda. Aposto que passou a manhã toda roubando.”

“De jeito nenhum”, gritei. “É mentira. Escute aqui!” Apelei para a turba que nos cercava, e adivinhe o que aconteceu: a mulher idiota se aproximou e enfiou a língua na minha orelha! Eu recuei de um salto, pois só Deus sabia por onde aquela língua tinha andado e eu não queria sentir o gosto de sua goela.

“Para trás, Nancy”, ordenou o policial, e ela retrocedeu, pondo aquela mesma língua imunda para fora, em minha direção, com ar de desafio. O que eu não daria por uma faca bem afiada naquele instante, ela ficaria sem língua em dois tempos.

“Enforca o garoto”, gritou um homem, um sujeito que eu sabia que gastava em gim tudo quanto ganhava na sua banca de frutas e não tinha nada de ficar me acusando.

“Deixa ele com a gente, seu guarda”, gritou outro, um moleque que já fora preso uma ou duas vezes e devia ficar do meu lado por conta disso. “Deixa ele aqui que a gente ensina a diferença entre o que é dele e o que é dos outros.”

“Seu guarda, por favor... com licença?”, pediu uma voz mais delicada, e quem abriu caminho na multidão foi nada menos que o cavalheiro francês, justamente ele, que tinha todo o direito de condenar minha alma à danação eterna; reconheci nele o mesmo homem que, menos de cinco minutos antes, havia tentado impedir meu aniquilamento debaixo do monte de carcaças fedorentas. A turba, sentindo a presença de um cavalheiro, cindiu-se como se desse espaço a Moisés atravessando o mar Vermelho. Até o policial afrouxou um pouco a força de suas garras e o encarou. Eis o que uma voz inteligente e um casacão de luxo são capazes de fazer por um pobre-diabo, e, naquele momento, eu tomei a decisão de um dia possuir as duas coisas.

“Bom dia, senhor”, disse o policial, tentando falar com um pouco mais de elegância, o cão imundo querendo se igualar ao cavalheiro. “O senhor é a vítima deste pivete?”

“Seu guarda, creio que posso depor a favor do rapazinho”, respondeu o grã-fino, dando a impressão de que toda aquela confusão era por culpa dele, não minha. “Meu relógio estava preso ao meu corpo de modo inconveniente e em perigo iminente de cair no chão, e nenhum mestre relojoeiro seria capaz de reparar o dano causado pela queda. Creio que o rapazinho simplesmente o apanhou para devolvê-lo. Nós estávamos conversando sobre literatura.”

Houve um breve silêncio, e confesso que até eu quase acreditei em suas pala-

vas. Seria possível que eu fosse tão vítima daquela circunstância infeliz quanto qualquer um? Acaso seria solto sem mais nenhum ataque ao meu caráter e bom nome, e talvez até com uma carta de recomendação de uma pessoa investida de autoridade? Olhei para o policial, que se pôs a pensar um instante. A multidão, no entanto, percebendo que seu passatempo ia chegar ao fim e que o devido curso e o devido castigo seriam interrompidos, empunhou o cassetete no lugar dele.

“Isso é uma vergonha, seu guarda”, gritou alguém, escarrando as palavras com tanta força que tive de me agachar para me esquivar daquela boca abominável. “Eu vi com os meus próprios olhos ele enfiar o relógio no bolso.”

“Viu mesmo?”

“E não é a primeira vez”, rosou outro homem. “Esse moleque me roubou cinco maçãs quatro dias atrás, e eu não recebi um só *penny* em troca.”

“Eu não seria louco de comer suas maçãs”, gritei, pois era uma mentira terrível. Eu tinha surrupiado só quatro maçãs e uma romã para fazer pudim. “São todas bichadas.”

“Oh, não o deixe dizer isso”, gritou a mulher ao lado dele, sua esposa esfarrapada, com uma cara medonha a ponto de deixar qualquer um vesgo. “Nosso problema é permanente”, acrescentou ela, dirigindo-se ao aglomerado de gente, os braços estendidos. “É um problema permanente!”

“Esse pirralho não presta”, bradou outra voz, e eles estavam sentindo cheiro de sangue, só isso. Ninguém quer enfrentar uma turba hostil nessas ocasiões. Aliás, eu estava até meio contente com a presença do policial, pois, não fosse ele, o povo teria me arrancado os braços e as pernas, com ou sem o cavalheiro francês.

“Por favor, seu guarda”, disse este, acercando-se mais e recuperando o relógio como se o policial fosse metê-lo no próprio bolso num piscar de olhos. “Tenho certeza de que o rapaz pode ser solto se reconhecer o que fez. Você se arrepende dos seus atos, menino?”, perguntou-me, e dessa vez não pensei em corrigir o uso da palavra.

“Se eu me arrependo?”, perguntei. “Deus é testemunha de que me arrependo de tudo. Aliás, nem sei o que deu em mim. Foi o capeta, sem dúvida. Mas eu me arrependo em homenagem ao dia de Natal. Arrependo-me de todos os meus pecados e juro que, quando sair daqui, não vou pecar mais. O que Deus uniu, nenhum homem há de separar”, acrescentei, recordando o pouco do Evangelho que ouvi na vida para exibir minha devoção.

“Ele está arrependido, seu guarda”, argumentou o francês, espalmando as mãos num gesto de magnanimidade.

“Mas confessou o furto!”, rugiu um homem com uma barriga tão grande que um gato podia se deitar nela e dormir um bom sono. “Leve-o! Prenda-o. Dê-lhe umas boas chicotadas! Ele confessou o crime!”

O policial sacudiu a cabeça e olhou para mim. Entre seus dois dentes da frente via-se o resto do que me parecia ser o guisado do almoço; só de olhar fiquei com enjoo. “Você está preso”, informou com voz grave. “E vai pagar por seu crime abominável.”

A multidão aplaudiu aquele herói recém-coroadado e se virou em uníssono ao ouvir o barulho de um veículo estacionando atrás da carruagem do cavaleiro francês; era nada menos do que o coche da polícia. Meu coração quase parou quando vi outro policial às rédeas; num instante, ele apeou e foi abrir a porta traseira, que era gradeada.

“Para dentro”, disse o primeiro com voz sonora para todos ouvirem. “E, no fim da nossa viagem, o juiz o espera, de modo que você já pode começar a tremer de medo da sua magnificência.” Juro que o sujeito era um verdadeiro canastrão de circo.

A festa acabara, eu sabia, mas mesmo assim cravei os pés com firmeza nos espaços entre os paralelepípedos. Pela primeira vez na vida, estava sinceramente arrependido dos meus atos, mas não por ter cometido um erro na minha moralidade pessoal. Estava arrependido por ter cometido muitas e muitas vezes os mesmos atos no passado e, embora aquele policial não me conhecesse, no lugar aonde me levavam não faltava quem me conhecesse muito bem, e eu sabia que a punição não ia corresponder ao delito. Mas ainda me restava um recurso.

“Senhor”, gritei, voltando-me para o francês, muito embora o policial já estivesse me puxando para a sepultura. “Por favor, senhor, me ajude. Tenha pena. Foi um acidente, juro. Comi muito açúcar no café da manhã, foi o que aconteceu, e isso pôs minhoca na minha cabeça.”

Ele me fitou, e eu vi que estava ponderando as minhas palavras. Por um lado, devia se lembrar da conversa agradável que tínhamos tido menos de dez minutos antes e do meu abundante conhecimento das terras da China, sem falar na minha ambição de escrever livros, coisa que ele aprovava inteiramente. Por outro, ele fora roubado, nem mais nem menos, e o que era errado era errado.

“Seu guarda, eu me recuso a dar parte”, gritou ele enfim, e eu agradei ao Todo-Poderoso tal como o cristão deve ter agradecido quando Calígula, aquele monstro hediondo, ergueu o polegar para ele no Coliseu, deixando-o viver e lutar uma vez mais.

“Estou salvo!”, gritei, desvencilhando-me do policial, mas ele foi ágil e tornou a me agarrar.

“Nem pensar”, disse. “Muitas testemunhas presenciaram seu ato, e você precisa pagar pelo que fez. Do contrário, vai voltar aqui de novo para roubar.”

“Mas, seu guarda”, continuou o francês, “eu o absolvo do crime!”

“O senhor por acaso é Jesus Cristo?”, perguntou o policial, e a turba explodiu numa gargalhada. O guarda não esperava aquela aprovação — seus olhos brilharam de entusiasmo com o fato de todos o acharem um sujeito fantástico, além de divertido. “O rapaz vai ser levado ao magistrado e, de lá, para o calabouço, com toda certeza, esse meliante vai pagar a sua atrocidade.”

“Isso é monstruoso...”, foi a resposta, mas o policial não lhe deu ouvidos.

“Se o senhor tem algo a dizer, diga ao magistrado”, recomendou, encerrando a discussão e, já a caminho do coche, levando-me consigo.

Eu me joguei no chão para dificultar a vida do sujeito, mas ele continuou me

arrastando na rua úmida, e ainda me lembro muito bem da cena, meu traseiro batendo nas pedras enquanto me puxavam até a porta do coche. Doía; eu não sabia ao certo por que estava fazendo aquilo, mas sabia que não ia me levantar para facilitar o trabalho dele. Antes comer um besouro.

“Acuda, senhor”, gritei quando me jogaram no coche e bateram a porta com tanta violência que por pouco não arrancou meu nariz. Agarrei as grades e fiz a cara mais suplicante de que era capaz, o próprio retrato da inocência menosprezada. “Acuda, faço tudo que o senhor mandar. Passo um mês engraxando suas botas todo santo dia! Lustro seus botões até ficarem brilhando!”

“Leva ele embora!”, bradou a multidão, sendo que alguns chegaram a atirar legumes podres em mim, aquela corja. Os cavalos se puseram em movimento, e lá fomos nós, eu atrás, sem saber o destino que me aguardava quando me colocassem perante o juiz, o qual me conhecia muito bem de outras ocasiões e não ia ter um pingo de compaixão.

Quando viramos a esquina, a última coisa que vi foi a imagem do francês com a mão no queixo, como a se perguntar o que fazer agora que eu estava nas garras da lei. Tirou o relógio do bolso para ver a hora... e adivinhe o que aconteceu! O relógio escapou de sua mão e caiu. Era evidente que o vidro se quebraria com o impacto. Com raiva, ergui as mãos e tentei me acomodar um pouco no restante da viagem, mas não havia nem sombra de conforto na traseira daquele veículo.

Ele não fora concebido para consolar ninguém.

3.

Jesus de misericórdia, mãe santíssima, como se a vida não fosse dura o bastante, os policiais fizeram o possível para passar por todos os buracos do caminho até o tribunal do magistrado; desde que saímos de Portsmouth, o coche sacudiu mais do que camisola de noiva. Para eles, tudo bem, tinham uma almofada macia debaixo do traseiro, mas e eu? Nada além do metal duro que servia de assento para os que eram levados a contragosto. (E as vítimas de acusação falsa?, pensei. Obrigadas a sofrer tamanha indignidade!) Tratei de afundar ao máximo no canto do veículo, segurando as barras da grade na esperança de amortecer os solavancos, pois a alternativa era passar toda a semana seguinte sem poder sentar, mas foi inútil. Eles estavam fazendo aquilo de propósito, os moscas-mortas, para judiar de mim. E, enfim, quando chegamos ao centro de Portsmouth e eu achei que aquela provação fosse acabar, o coche continuou rodando, passou pelas portas fechadas da Justiça e seguiu adiante por uma péssima estrada.

“Ei”, gritei, esmurrando como louco o teto da minha gaiola. “Ei, vocês aí em cima!”

“Cale a boca aí embaixo, senão você leva uma cacetada”, respondeu o segundo policial, o que segurava as rédeas, não o que me arrancou da minha honesta roubalheira naquela manhã.

“Mas vocês erraram o caminho”, tornei a gritar. “Já passaram pelo tribunal.”

“Então você conhece o lugar, hein?”, riu. “Eu sabia que você já tinha visto muitas vezes o tribunal por dentro.”

“E hoje não vou ver?”, perguntei, e não foi com orgulho que tive de admitir que estava ficando meio nervoso, pois acabávamos de sair da cidade. Sabia de casos de rapazes que eram levados pela polícia e nunca mais voltavam; tudo podia acontecer. Coisas indizíveis. Mas eu não era um mau garoto, pensei. Não tinha feito nada para merecer tal sorte. Além disso, sabia que o sr. Lewis logo estaria me esperando com a fêria matinal, e, se eu não chegasse, ia ser um deus nos acuda.

“O magistrado de Portsmouth está viajando esta semana”, foi a resposta. Dessa vez o guarda se mostrou até simpático, e eu pensei que eles só estivessem me levando para fora da cidade e pretendessem me soltar num lugar qualquer e me mandar fazer meu trabalho em outra freguesia, proposta à qual eu não me opunha em princípio. “Está em Londres, imagine. Sendo condecorado pelo rei. Pelos serviços prestados à legislação do país.”

“O Jack Doidão?”, perguntei, pois conhecia bem aquele juiz velho e sacana por ter tratado com ele mais de uma vez. “Por que o rei resolveu fazer uma coisa dessas? Não achou ninguém melhor a quem dar medalha?”

“Cale a boca, moleque”, rosnou o policial. “Do contrário, vai ter uma acusação a mais na lista.”

Voltei a me sentar e resolvi me fechar em copas. A julgar pelo caminho escolhido, estávamos indo para Spithead; na minha penúltima prisão, um ano antes (também acusado de furto, lamento confessar), eu havia cumprido pena em Spithead. Na ocasião, fiquei à mercê de uma criatura maligna, um tal sr. Henderson, sujeito com uma pinta no meio da testa e a boca cheia de dentes podres, que fez observações sobre o caráter dos garotos da minha idade como se eu fosse o representante de toda a cambada. Condenou-me ao açoite, e o meu traseiro ficou uma semana ardendo que nem uma plantaçã de urtigas, e eu pedi a Deus para nunca mais ser julgado por aquele homem. Mas, olhando para fora do coche, tive certeza de que íamos justamente para lá e, quando me convenci disso, fiquei morrendo de medo e achei ótimo tê-los obrigado a me arrastarem aos trancos e barrancos nos paralelepípedos e também ter sido jogado para todos os lados pelos solavancos do coche, pois era grande a chance de o meu traseiro ficar tão entorpecido na chegada ao tribunal que eu não ia sentir nada quando baixassem minhas calças e me lambassem o couro.

“Ei!”, gritei, indo para o outro lado do coche e dirigindo-me ao primeiro policial, já que havíamos estabelecido uma espécie de relação durante a prisão. “Ei, seu guarda! A gente não vai para Spithead, vai? Diga que não.”

“Como posso negar se é para lá mesmo que a gente vai?”, e riu como se tivesse contado uma piada engraçadíssima.

“Não vai, não!”, disse baixinho dessa vez, pensando nas consequências daquilo, mas o desgraçado mesmo assim me ouviu.

“Claro que vai, meu jovem larápio, e lá você vai receber o tratamento adequado aos seus roubos e a você mesmo. Sabe que há países em que deceparam a mão de quem mexe nas coisas dos outros sem autorização? Você bem que merece um castigo assim.”

“Mas aqui não”, gritei em tom desafiador. “Aqui não. Está querendo me intimidar? Esse tipo de coisa não acontece aqui. Este país é civilizado, e nós tratamos com respeito os nossos decentes e honestos ladrões.”

“Onde então?”

“No estrangeiro”, respondi, voltando a me sentar no coche, decidido a não conversar mais com aquela dupla de ignorantes. “Na China, por exemplo.”

Quase não se disse mais nada depois disso. Durante o restante do trajeto, porém, ouvi os dois idiotas cacarejarem como um par de galinhas velhas no terreiro, e estou certo de também ter ouvido o barulho de um caneco de cerveja passando entre as patas imundas deles, o que também explica o fato de termos diminuído a velocidade a meio caminho de Spithead e de um dos policiais — o condutor — haver parado o coche e saído para esvaziar a bexiga na beira da estrada. Vergonha ele não tinha nenhuma, pois até se virou e tentou apontar o fluxo para a grade a fim de me acertar, e o outro policial riu tanto que quase caiu lá de cima de tão histérico. Pena que não despencou e rachou o crânio na queda, teria sido um espetáculo e tanto.

“Saia daqui, porco sujo”, gritei, recuando para o fundo do coche, longe da linha de tiro, mas ele se limitou a rir e a guardar o pinto antes mesmo de terminar, molhando a calça com o último restinho, tão pouco era o respeito que tinha por si e pela farda. A polícia é uma força terrível, todo mundo sabe disso, mas também é uma caterva que não vale um tostão. Toda vez que topo com um policial, invariavelmente sinto vontade de lhe chutar o traseiro.

Chegamos a Spithead uma hora depois, e os dois palhaços tiveram o grande prazer de abrir a porta do coche e me puxar para fora, torcendo-me os braços como se eu fosse um bebê que não queria sair da barriga da mãe na hora do parto. Juro que quase me arrancaram os ossos das articulações, e nem quero imaginar o que podia ter acontecido comigo na ocasião.

“Vamos lá, moleque”, disse o primeiro policial, o que me prendeu, sem dar a mínima para os meus protestos contra tanta violência. “Chega de atrevimento. Para dentro.”

O tribunal de Spithead não chegava aos pés do de Portsmouth, e os magistrados de lá eram o rancor em pessoa. Não havia um que não quisesse ser transferido para a capital do condado, pois todo mundo sabe que, na capital, os criminosos são muito melhores do que no interior. Em Spithead não acontecia nada, só um ou outro caso de bebedeira ou pequeno furto. Um ano antes, tinha havido uma grande celeuma por causa de um homem que pegou uma mocinha à força, mas o juiz o soltou pelo fato de ele possuir vinte hectares e ela não ter onde cair morta. A coitada que agradecesse o privilégio de ter tido intimidade com o rico, disse o magistrado, e isso parece que não agradou muito a família da moça;

e o que aconteceu uma semana depois? O juiz apareceu morto dentro de um fosso, com um buraco na cabeça do tamanho de um tijolo (e o tijolo serenamente jogado na beira da estrada). Todo mundo sabia quem tinha feito aquilo, mas ninguém disse nada. Ele, o dono dos vinte hectares, mudou-se imediatamente para Londres, antes que lhe acontecesse a mesma coisa, e vendeu a terra a uma família cigana que sabia tirar a sorte nas cartas e cultivar batatas com aspecto de vaquinhas.

O guarda me arrastou por um corredor comprido, que eu já conhecia da minha visita anterior, e nós avançamos com tanta pressa que pensei que acabaria caindo de novo. Seria o meu fim, pois o piso era de duro granito e não teria pena de uma cabecinha mole como a minha. Meus pés iam dançando no chão atrás de mim, enquanto o guarda me puxava.

“Devagar”, gritei. “Para que tanta pressa?”

“Devagar”, murmurou o policial, rindo e falando sozinho, imaginei. “Devagar! Onde já se ouviu uma coisa dessas?”

Súbito, virou para a direita e abriu uma porta, e eu, tomado de surpresa pela brusca mudança de rumo, acabei perdendo o apoio e levei um tombo ao entrar na sala de audiência, arrebatando-me todo. E, antes que me levantasse, todos os presentes se calaram e todas as cabeças e perucas se voltaram para mim.

“Sossegue esse menino!”, esbravejou o magistrado na tribuna — e adivinhe quem era, nada menos que o sr. Henderson novamente, aquela criatura grisalha, mas tão caquética, com quarenta ou quarenta e cinco anos nas costas, que na certa já estava com *influenza* mental e não ia se lembrar de mim. Afinal, eu havia estado lá só uma vez. Dificilmente me tomariam por um criminoso profissional.

“Desculpe-me, meritíssimo”, disse o policial, sentando-se e me obrigando a sentar no banco ao seu lado. “Um caso tardio, infelizmente. Portsmouth está fechado.”

“Eu sei disso”, respondeu o senhor Henderson, fazendo cara de quem deu uma dentada num furão infecto e engoliu tudo de uma vez. “Parece que os tribunais de lá estão mais interessados em colecionar acoladas e bugigangas do que propriamente em distribuir justiça. Aqui em Spithead é diferente.”

“Sem dúvida”, concordou o policial, balançando a cabeça com tanta veemência que pensei que ela ia se soltar do pescoço e sua decapitação talvez me desse oportunidade de fugir. A segurança das portas, notei com satisfação, não era lá grande coisa.

“Muito bem, voltemos ao caso de agora”, disse o senhor Henderson, desviando a vista de nós e fitando-a no homem postado diante dele, que parecia arrasado, muito arrasado mesmo; segurando o boné com as duas mãos, trazia uma expressão aflita estampada nas feições cavaleares. “Senhor Wilberforce, o senhor é uma desgraça para a comunidade, e acho bom para todos se passar uma temporada fora de circulação.” Fez questão de pronunciar as palavras com nojo e superioridade, o calhorda.

“Meritíssimo, se for do seu agrado”, choramingou o réu, tentando empinar

o corpo, mas talvez estivesse com as costas travadas, pois não conseguia ficar em posição vertical. “Eu tinha meio que perdido o juízo quando ocorreu o incidente, essa é a verdade. A minha querida e santa mãezinha, que passou desta para melhor apenas umas breves semanas antes do meu erro de cálculo, apareceu para mim numa visão e disse que...”

“Chega de besteira!”, rosnou o senhor Henderson, batendo o martelo na tribuna. “Juro por Deus Todo-Poderoso que, se o senhor disser mais uma palavra sobre a sua querida e santa mãezinha, eu o condeno a ir se encontrar com ela imediatamente. Não pense que vou hesitar em fazer isso!”

“Pouca-vergonha!”, exclamou uma mulher, e o juiz olhou para o público, um olho fechado, o outro de tal modo arregalado que uma palmada na nuca com certeza faria seu globo ocular saltar da órbita e rolar no chão feito uma bolinha de gude.

“Quem disse isso?”, trovejou ele, e até o policial ao meu lado estremeceu. “Eu quero saber quem foi que disse isso!”, insistiu o magistrado elevando a voz, mas, como não obteve resposta, sacudiu a cabeça e olhou para todos nós com cara de quem acabava de ser sangrado por uma sanguessuga e tinha gostado da experiência. “Beleguim”, disse a um policial de ar espavorido postado ao seu lado. “Mais um pio dessa *súcia*” — e proferiu esta palavra como se estivesse diante da ralé da ralé, e devia estar mesmo, mas, fosse como fosse, não deixou de ser uma descortesia medonha —, “mais um pio de qualquer um, e todos serão acusados individualmente de desacato. Entendeu bem?”

“Sim, senhor”, respondeu o beleguim, acenando a cabeça rapidamente. “Claro, eu entendi muitíssimo bem.”

“E quanto ao senhor”, prosseguiu o juiz, olhando para o pobre, infeliz e desgraçado espectro de homem que titubeava na teia à sua frente, “três meses de masmorra... e Deus permita que o senhor aprenda a lição e não a esqueça tão cedo.”

O coitado pelo menos recobrou a dignidade e balançou a cabeça como se estivesse plenamente de acordo com a sentença. Ele foi logo levado para baixo, onde uma mulher — imagino que sua esposa — quase o matou de tanto espreme-lo; o beleguim os separou à força. Eu a observei de longe e não teria desprezado aquele abraço apertado, ainda que ela fosse pele e osso e eu estivesse com o rosto banhado de lágrimas, e soubesse da gravidade do que me aguardava — fiquei levemente excitado.

“Agora diga, beleguim”, rosnou o juiz, alisando a toga e já fazendo menção de se levantar. “Por hoje é tudo?”

“Devia ser”, foi a resposta nervosa do policial, como se temesse também ir mofar no calabouço se ele se atrevesse a reter seu superior na sala de audiência, “mas ainda temos o moleque que acaba de chegar.”

“Ah, sim”, acedeu o magistrado, lembrando-se de mim. Tornou a se acomodar na cadeira e me encarou. “Venha, menino”, ordenou tranquilamente, mostrando-se contente por ainda não ter acabado de distribuir miséria. “Suba no banco dos réus, onde é o seu lugar.”

Eu me levantei, afastando-me do primeiro guarda; outro policial agarrou meu braço e, com os dedos cravados quase até o osso, colocou-me num lugar em que o velho Henderson, o canalha, pudesse me ver bem. Eu também o fitei e tive a impressão de que sua pinta havia crescido desde o nosso último encontro.

“Eu já o conheço, não é mesmo?”, disse ele serenamente, mas, antes que eu respondesse, o policial — *o meu* policial — levantou-se e começou a tossir para chamar a atenção, e é óbvio que todas as caras se voltaram para ele. Juro que o homem tinha jeito para a coisa: devia ter tentado o teatro, o escroto.

“Peço licença para informar ao tribunal...”, começou, tornando a recorrer à voz afetada que não enganava ninguém. “Peço licença para informar ao tribunal que, nesta manhã, eu detive a criatura miserável que agora está aí, perante Vossa Excelência, no ato ilícito e criminoso de se apossar de um relógio que não era da sua conta nem lhe pertencia por ser propriedade de outra pessoa...”

“Quer dizer, furtando?”, atalhou o juiz.

“Exatamente, meritíssimo”, respondeu o policial, um tanto humilhado pela concisão.

“E então?”, perguntou o senhor Henderson, inclinando-se para me encarar. “O que você me diz, moleque? É verdade? Cometeu esse crime abominável?”

“É um terrível mal-entendido”, respondi com voz suplicante. “Eu comi muito açúcar no café da manhã, essa é a culpa de tudo.”

“Açúcar?”, surpreendeu-se o magistrado. “Beleguim, o garoto disse que foi vítima de excesso de açúcar?”

“Acredito que sim, meritíssimo.”

“Ora, a resposta não deixa de ser sincera”, disse ele então, coçando a cabeça e fazendo com que um chuvisco de pó caísse nas pregas da toga, que ficou toda salpicada de neve. “O açúcar não faz bem aos meninos. Põe minhoca na cabeça deles.”

“É o que eu também acho, Vossa Sabedoria”, concordei. “Pretendo evitar isso daqui por diante e chupar uma bala de mel quando me der vontade.”

“Bala de mel?”, gritou ele, olhando para mim como se eu tivesse proposto chicotear o príncipe de Gales para espantar o tédio. “Ora, moleque, isso é pior ainda. Você precisa é de mingau de aveia. Mingau de aveia é que faz bem. Já fez bem a muitos garotos que trilharam o caminho errado na vida.”

Mingau, sem dúvida! Eu bem que aceitaria uma tigela de mingau de aveia todo dia no café da manhã se dispusesse do dinheiro necessário para isso. Mingau! A verdade é que os magistrados ignoram totalmente o mundo de gente como eu. Mas são eles quem nos julgam. E, no entanto, nenhuma política...

“Pois é isso que eu vou comer daqui por diante: mingau de aveia”, prometi, inclinando um pouco a cabeça. “No café da manhã, no almoço e na janta, se arranjar dinheiro.”

O juiz tornou a se inclinar e repetiu a pergunta que eu torcia para que ele esquecesse: “Eu já o conheço, não é mesmo?”

“Não sei”, respondi, esforçando-me para não dar de ombros, coisa que os magistrados detestam. Dizem que é falta de educação. “O senhor me conhece?”

“Como você se chama, menino?”

Pensei em dar nome falso, mas os policiais me conheciam, de modo que só me restou dizer a verdade, já que mentir me prejudicaria ainda mais. “Turnstile”, respondi. “John Jacob Turnstile. Inglês de Portsmouth.”

“Ah!”, exclamou ele, cuspidando uma rodela enorme na serragem do chão, aquele porco imundo. “Maldita Portsmouth!”

“Há de ser, Vossa Magnificência”, apressei-me a dizer para agradá-lo. “No dia do Juízo Final. Não tenho a menor dúvida.”

“Quantos anos você tem, menino?”

“Catorze, *sir*.”

Ele passou algum tempo lambendo os beiços, e eu cheguei a ver uns grotescos dentes pretos se mexerem no escuro cânião da sua boca, ameaçando soltar-se das gengivas. “Você esteve aqui há um ano.” Apontou para mim o dedo ceroso, do tipo que se vê num cadáver exumado. “Agora eu me lembro. Outro furto, se não me engano.”

“Um mal-entendido”, arrisquei. “Uma brincadeira de mau gosto, nada mais.”

“Você foi açoitado por isso, não é mesmo? Eu nunca esqueço uma cara que aparece no meu tribunal ou um traseiro na minha sala de açoite. Agora diga a verdade, e pode ser que Deus o poupe.”

Eu fiquei pensando. A expressão “pode ser” tem uma infinidade de significados, e nenhum deles era útil para mim. Mas não havia a menor vantagem em mentir, pois o juiz podia consultar os prontuários num piscar de olhos. “O senhor tem boa memória”, admiti. “Eu fui condenado a doze chicotadas.”

“E nenhuma delas foi demais”, retrucou ele, baixando a vista e fazendo uma anotação na papelada à sua frente. “Eu o declaro culpado, John Jacob Turnstile, de ato criminoso”, prosseguiu com voz mais calma, voz que sugeria que perdera totalmente o interesse por mim e queria ir jantar. “Culpado de furto, menino ruim. Leve-o para baixo, beleguim. Doze meses de cárcere.”

Eu arregalei os olhos e, confesso, senti o coração saltar no peito, horrorizado. Doze meses de xadrez? Ao sair, eu já não seria o menino que era, tinha certeza. Virei-me para o guarda, o *meu* guarda, e é bem verdade que ele olhou para mim com cara de muito arrependimento de me ter levado para lá, pois ninguém na sala de audiência tinha achado a pena adequada. Umás chicotadas seriam mais do que suficientes.

“Meritíssimo...”, balbuciou o policial, o *meu* policial, mas o senhor Henderson já tinha saído precipitadamente rumo ao seu gabinete, sem dúvida para receber instruções dos senhores do inferno, e o beleguim me agarrou e começou a me levar.

“Não tem remédio”, disse com tristeza. “Você precisa ter coragem, garoto. Precisa ser firme.”

“Ter coragem?”, repeti com incredulidade. “Ser firme? No xilindró durante doze meses?”

Há tempo de coragem e tempo de dar ao amigo uma pistola carregada para

que ele deixe o mundo com honra, e esse era o meu tempo agora. Fiquei com as pernas bambas e, antes que me desse conta, saí pela porta, saí para o quê? Para um ano de tormento e violação? De fome e crueldade? Eu nem me atrevia a pensar.

4.

Que dureza, meu Deus! Reconheço que desci a escada da sala de audiência para as celas, no porão, com o coração oprimido e cheio de péssimas expectativas. O dia se iniciara radiante, mas, em questão de horas, tinha adquirido um aspecto tão sombrio que eu não parava de me perguntar que outros tormentos o destino me reservava. Conseguira devorar meio arenque defumado e uma gema de ovo no café da manhã, no estabelecimento do sr. Lewis, e tinha ido ao mercado sem me preocupar com nada neste mundo. Mantive com o cavalheiro francês uma conversa intelectual, e eu sou do tipo que gosta de um pouco de discurso intelectual de vez em quando. E o relógio dele, do qual me apoderei com tão pouco esforço, podia facilmente ser a salvação da lavoura para mim, pois era uma peça excelente, com correia sólida e aspecto saudável, e o joalheiro devia ter lhe cobrado algumas libras; se o tivesse conservado, podia levá-lo a um sujeito caolho conhecido meu que comprava e vendia bens roubados, e ganharia meia coroa. Mas agora tudo estava perdido. Eu me achava na cadeia, preparando a alma para sofrer sabe Deus quantas agruras e indignidades.

Acaso sou orgulhoso demais para recordar as lágrimas que se formaram nos meus olhos enquanto eu esperava? Não, não sou.

O beleguim me levou para baixo, onde eu aguardaria o transporte para o mundo subterrâneo, e me trancafiou numa sala fria e vazia, apenas com a pedra do chão para sentar. Sem dizer uma palavra de escusa ou explicação, jogou-me na cela que eu ia dividir com o sr. Wilberforce, o sujeito condenado antes de mim. Ao entrar, dei com o grandalhão casca-grossa sentado no vaso, e seus movimentos criavam um fedor descomunal que me fez recuar o máximo possível, mas a porta se fechou às minhas costas, de modo que não me restou outra coisa a não ser enfrentar com coragem aquela inhaca. Afinal, dali por diante ele seria meu companheiro.

“O velho bastardo também te mandou para baixo, hein?”, perguntou ele, sorrindo, pois a miséria gosta de companhia. Calado, me sentei no canto mais distante da cela e abracei os joelhos dobrados sob o queixo. Uma fortaleza me cercava. Olhei para os meus pés e me perguntei quanto tempo continuaria calçando aqueles sapatos depois que fosse transportado para a minha nova morada. E pensei no sr. Lewis e na enrascada em que eu estaria metido quando ele descobrisse o que me aconteceu; por muito menos, já o tinha visto espancar meninos até quase matá-los.

“Mandou”, respondi. “E injustamente também.”

“Do que ele te acusou?”

“Eu roubei um relógio”, expliquei sem coragem de lhe dirigir o olhar, pois ele acabara de se levantar e examinava o conteúdo do vaso feito um médico ou um velho farmacêutico. “Mas o sujeito roubado recuperou o relógio na mesma hora. Ele não teve prejuízo nenhum. Então, eu pergunto, que crime cometi?”

“Você não contou isso para o velho bastardo?”, perguntou o sr. Wilberforce, e eu sacudi a cabeça. “Quanto tempo vai pegar?”, quis saber ele então.

“Doze meses.”

O homem assobiou entre os dentes e sacudiu a cabeça. “Não é pouco. Caramba, palavra que não é pouco. Quantos anos você tem, garoto?”

“Catorze.”

“Vai ter muito mais quando for solto daqui a um ano”, prognosticou sem dissimular a alegria: uma ótima notícia para quem estava na minha situação. “Eu mesmo fui para lá quando tinha só um ou dois anos a mais do que isso e prefiro nem contar o que me aconteceu. Você ia perder o sono se eu contasse.”

“Então não conte. Guarde seus conselhos e meta-se com a sua vida, velho bêbado.”

Wilberforce me encarou e franziu o lábio. Como íamos ser transportados juntos e alojados no mesmo lugar, eu sabia que era bom iniciar a nossa relação com uma atitude rude para ele entender que eu não ia me deixar escravizar por causa da pouca idade.

“Pode me chamar de bêbado o quanto quiser, moleque”, disse ele, levantando-se e pondo as mãos no quadril como se estivesse posando para sua própria estátua, a ser colocada na Pall Mall. “É uma calúnia mesmo.”

“Eu ouvi o velho Henderson dizer a mesma coisa”, retruquei com entusiasmo. “Por isso te deu três meses de xadrez. E ela estava lá fora, chorando sem parar, tua mulher, não estava?”

“Ah, minha mulher”, disse ele, comprimindo os olhos quando eu tomei o nome dela em vão. “O que tem ela?”

“Se esfregando num cara, é o que ela estava fazendo quando me trouxeram para cá. Cochichando no ouvido dele a ponto de revirar o estômago de qualquer um, e olhando para ele de um jeito que dizia que ela não ia ficar na mão por causa de você.”

“Ora, seu bastardinho”, rosnou ele, avançando contra mim, e eu percebi que tinha sido um erro provocá-lo, pois quando ele se aproximou vi que era bem maior do que eu tinha imaginado e que estava com os punhos cerrados, pronto para me fazer um grande estrago. Por sorte, na hora em que ele estendeu a mão e me arrancou do lugar em que eu descansava no piso de pedra, viraram uma chave na porta e a abriram, e eis que o beleguim apareceu outra vez. Olhou rapidamente para nós dois em nossa infeliz situação, eu agarrado pela garganta, pendurado a alguns centímetros do chão, e o homem com o punho já pronto para me esmurrar.

“Por um triz ele não acaba com você”, disse o beleguim com toda naturalidade, como se estivesse pouco ligando para o que acontecia conosco e até quisesse assistir ao massacre.

“Dá o fora e me deixa terminar isto aqui”, disse o sr. Wilberforce. “Ele caluniou minha mulher, e só se eu for muito frouxo não vou tomar satisfação.”

“Pois seja frouxo”, disse o beleguim, avançando e afastando-o com um sopapo; o meu agressor, então, me largou o pescoço e eu caí no chão, não pela primeira vez naquele dia. Passei os dedos na laringe para ver se as cordas vocais ainda estavam intactas e se eu voltaria a cantar um dia. Pensei com meus botões que meu corpo, por baixo da roupa, devia ter se transformado num arco-íris com todos os tons de roxo e preto devido à violência que havia sofrido nas últimas horas.

“De pé, garoto”, ordenou o beleguim com um gesto de cabeça, e a muito custo tentei me levantar.

“Não consigo”, gemi com voz fraca. “Estou todo arrebetado.”

“De pé”, repetiu, dessa vez mais severamente, e avançou um passo com tanta hostilidade que tratei de recuperar o equilíbrio e me pôr na vertical.

“Nós vamos já para a cadeia?”, perguntei, porque, embora não me agradasse a ideia de ficar mais tempo ali com meu companheiro violento, eu não estava nada contente com a perspectiva de passar um longo tempo encarcerado. “Não vai haver outro julgamento para a gente assistir antes de ir embora? Será que não sobrou nenhum pecador em Spithead?”

“Você vem comigo”, disse o beleguim, segurando meu braço e me puxando para fora da cela. “E você fica aí mesmo por enquanto”, acrescentou, dirigindo-se ao sr. Wilberforce. “Quando o coche chegar, eu venho te buscar.”

“Vê se não solta esse moleque!”, gritou meu ex-amigo ao me ver escapar inesperadamente das suas garras. “Ele é uma grande ameaça para a sociedade, juro que é. Se houver lugar só para um de nós no calabouço, é justo que fique ele, já que foi condenado a doze meses e eu só vou pegar um quarto disso.”

“Cala a boca”, disse o beleguim, puxando a porta. “Ele vai pagar direitinho o crime que cometeu, juro que vai.”

“Não se preocupe, eu dou lembranças à sua mulher”, gritei para ele quando a porta da cela se fechou, e, um instante depois, ouvi o sr. Wilberforce se precipitar sobre ela e socá-la com fúria.

“E agora, seu guarda? O que vai me acontecer?”, perguntei quando ele se virou e enveredou pelo corredor comigo atrás; foi o primeiro que não me arrasou feito um cachorro na coleira.

“Vem logo, moleque, e pare de fazer perguntas. O senhor Henderson deseja uma audiência.”

Meu coração quase parou quando ouvi tal coisa. Será que o danado do velho tinha pedido mais informações à polícia de Portsmouth e concluía que eu não prestava mesmo e que doze meses de cadeia era pouco para mim? Talvez me mandasse passar mais tempo engaiolado, ou primeiro me condenasse à chibata.

“Para que isso, afinal?”, perguntei, louco para saber e poder preparar minhas alegações.

“Só Deus sabe”, respondeu ele dando de ombros. “Você pensa que o juiz conta as coisas para um sujeito como eu?”

“Não”, admiti. “Você não está à altura dele.”

O homem parou e me encarou, mas se limitou a sacudir a cabeça e seguiu adiante. Tive a impressão de que ele não tinha pavio tão curto quanto os outros por lá. “Vem, moleque”, ordenou. “E não faça corpo mole se souber o que é melhor para você.”

Eu sabia perfeitamente o que era melhor para mim e bem que queria lhe explicar. Para mim, o melhor era ser posto logo em liberdade nas ruas de Spithead, com apenas uma repreensão e a promessa, da minha parte, de dedicar a vida, dali por diante, a auxiliar os pobres e aleijados e nunca mais pôr os olhos em coisas que não fossem minhas. Mas não disse nada. Limitei-me a obedecer e acompanhá-lo até chegarmos a uma porta grande de carvalho. Ele bateu ruidosamente; e me passou pela cabeça que, do outro lado daquela porta, estava a minha salvação ou a minha perdição. Respirei fundo e me preparei para o pior.

“Entre!”, gritaram lá dentro, e o beleguim abriu a porta e se afastou para o lado a fim de me dar passagem. Não me surpreendi ao constatar que o gabinete do magistrado era muito mais bonito do que os outros cômodos que eu tinha visto até então no tribunal. A lareira estava acesa e, na mesa, havia uma travessa de carnes e uma tigela de sopa: o jantar do velho crápula. O sr. Henderson estava ali sentado, com um guardanapo enfiado no colarinho, comendo às pressas. Diante disso, meu estômago acordou e começou a reivindicar seus direitos; lembrei que eu não comia desde cedo e tinha sofrido muito naquele dia.

“Aí está ele”, disse o sr. Henderson, olhando para mim. “Entre, entre, moleque, e empine o corpo quando eu falar com você. Obrigado, beleguim”, acrescentou em tom mais alto, dirigindo-se ao guarda. “Por enquanto é só. Pode fechar a porta.”

O homem obedeceu, e o juiz sorveu mais uma lenta colherada de sopa, limpando a boca com o guardanapo e tirando-o do colarinho. Reclinou-se, estreitou os olhos e, espetando o dedo no ar ao mesmo tempo que lambia os lábios, encarou-me. Tive a impressão de que eu era o prato seguinte no seu cardápio.

“John Jacob Turnstile”, disse após um prolongado silêncio, arrastando cada sílaba como se meu nome fosse um poema. “Que grande larápio você é.”

Eu estava a ponto de responder com uma firme negativa, mas senti um frio na espinha, como quando um fantasma paira na sala ou alguém pisoteia o túmulo da gente, e tive a sensação de outra presença perto de mim. Virei a cabeça com a rapidez de um raio e adivinhe quem eu vi sentado numa poltrona às minhas costas, totalmente invisível no momento em que entrei no gabinete? Nada menos que o fidalgo francês, aquele de quem eu havia roubado o relógio de manhã. Surpreendido, deixei escapar um palavrão, e ele sorriu e sacudiu a cabeça, mas o sr. Henderson não admitia expressões chulas em seu gabinete.

“Olha a boca suja, moleque”, gritou, e eu me virei para ele e olhei para o chão.

“Mil desculpas, Vossa Santidade”, pedi. “Não foi por falta de respeito. As palavras saíram da minha boca antes que eu tivesse tempo de jogar fora as mais feias.”

“Esta é a casa da lei”, disse ele. “Da lei do rei. E eu não deixo que a sujem com uma língua imunda como a sua.”

Eu assenti com um gesto, mas fiquei calado. O silêncio retornou ao recinto e eu pensei que o cavalheiro francês fosse falar, mas ele não disse nada, de modo que coube ao sr. Henderson iniciar a conversa:

“Jovem Turnstile. Você conhece o cavalheiro sentado aí atrás?”

Uma vez mais, eu me virei e olhei para ele, queria ter certeza de que os meus olhos não haviam me enganado; depois, tornei a fitar o magistrado, balançando a cabeça, encabulado. “Conheço, para a minha eterna desonra”, respondi. “É o mesmo homem diante do qual eu me cobri de vergonha hoje de manhã. Por causa dessa infâmia é que estou perante o senhor.”

“Infâmia é pouco, jovem Turnstile”, retrucou o juiz. “Muito pouco mesmo. Você procedeu como um monstro, uma peste pior do que o mais desclassificado punguista.”

Cheguei a pensar em dizer que eu era exatamente isso, um punguista desclassificado, e a culpa era do mundo em que fui criado sem nunca ter conhecido a proteção de uma mãe nem de um pai, mas o bom senso entrou em ação e fiquei de bico calado, sabendo que não eram essas as palavras que ele queria ouvir.

“Eu me arrependo muito do que fiz”, preferi dizer e, voltando-me para o francês, fui quase sincero. “O senhor foi bom para mim hoje cedo. E o modo como falou comigo fez com que me sentisse melhor do que sou. Peço desculpas por tê-lo decepcionado. Se eu pudesse corrigir meus erros, corrigiria.”

O fidalgo balançou a cabeça; isso me fez pensar que minhas palavras o tinham comovido e, para minha surpresa, percebi que eu falara com franqueza. Ele *foi* atencioso comigo quando começamos a conversar. E *falou* comigo como se houvesse mais do que uma maçaroca de teias de aranha entre minhas orelhas, tratamento que raramente me dispensavam.

“E então, senhor Zulu?”, indagou o juiz, olhando para o francês. “Esse moleque serve?”

“É Zéla”, disse o fidalgo com voz cansada, e eu imaginei que ele tivesse corrigido a pronúncia errada mais de uma vez desde que entrou no gabinete. “Eu não sou de origem africana, senhor Henderson. Sou natural de Paris.”

“Peço desculpas, senhor”, sorriu o magistrado.

Tive certeza de que ele pouco se importava e simplesmente queria encerrar a entrevista o mais depressa possível. Olhei para o cavalheiro e me perguntei quem ele era, afinal, para ter tanta autoridade sobre um cão raivoso da laia do sr. Henderson.

“Serve como uma luva”, respondeu o sr. Zéla. “Qual é a sua altura, menino?”, perguntou.

“Pouco mais de um metro e cinquenta, senhor”, disse, corando um pouco, pois sempre me chamavam de baixinho, e esse era um fardo que eu tinha carregado a vida inteira.

“E tem catorze anos, certo?”

“Exatamente catorze anos”, confirmei. “E dois dias”, acrescentei.

“A idade perfeita”, disse ele, levantando-se e se acercando de mim. Era um belo homem, confesso. Alto e magro, com ar elegante e um toque de generosidade no olhar, o tipo da pessoa que não infernizava a vida de ninguém. “Você se incomoda de abrir a boca para mim?”, perguntou.

“Se ele se incomoda?”, riu o magistrado Henderson. “Que importa ele se incomodar ou não? Abra a boca, moleque, e faça o que o cavalheiro mandar!”

Sem ligar para a gritaria à minha esquerda, concentrei a atenção no fidalgo francês. Ele pode me ajudar, pensei. Quer me ajudar. Abri a boca e ele segurou meu maxilar com uma mão — que coube nela perfeitamente — e olhou para dentro, para os meus dentes. Eu me senti um cavalo.

“Muito sadio”, decidi pouco depois. “Como um garoto como você consegue conservar os dentes em tão bom estado?”

“Eu como maçã”, expliquei com a voz firme. “Sempre arranjo uma. Maçã faz muito bem para os dentes, pelo menos é o que me dizem.”

“Bom, para você fez bem, com certeza”, disse ele, sorrindo um pouco. “Erga os braços, garoto.”

Eu estendi os braços e ele apalpou os meus flancos, depois o meu peito, mas com gestos de médico, não para se aproveitar. Não parecia ser desse tipo.

“Você parece um garoto saudável. Forte, com boa ossatura. Um pouco baixo, mas isso não faz mal.”

“Obrigado, senhor”, disse-lhe, fingindo não ter ouvido o último comentário. “Muita bondade sua.”

O sr. Zéla fez que sim e olhou para o sr. Henderson. “Acho que serve”, disse com entusiasmo. “Serve perfeitamente.”

Sirvo para quê? Para ser solto agora? Eu olhei para um e para outro, sem entender o que falavam.

“Você é um moleque de sorte”, disse o sr. Henderson, pegando um osso no prato e chupando-o de um modo que me deu enjoo. “Que tal se livrar dos doze meses de prisão, hein?”

“Ah, seria muito bom. Estou arrependido dos meus pecados, eu juro.”

“Tanto faz estar arrependido ou não”, disparou ele, escolhendo outro naco de carne e examinando primeiro as melhores partes. “Senhor Zéla, quer ter a bondade de informar ao moleque o que o espera?”

O fidalgo francês voltou à sua poltrona e me mediu da cabeça aos pés, dando a impressão de avaliar alguma coisa, e então acenou a cabeça como se tivesse tomado a decisão final. “Sim, está resolvido”, disse mais para si próprio do que para o juiz. “Você já esteve no mar, garoto?”, perguntou.

“No mar?”, repeti, achando graça. “Eu não.”

“E gostaria de ir? O que você acha?”

Eu refleti um instante. “Pode ser que sim, senhor”, disse com cautela. “Fazer o quê?”

“Há um navio ancorado não muito longe daqui. Um navio com uma missão especial de grande importância para Sua Majestade.”

“O senhor conhece o rei?”, perguntei, arregalando os olhos por estar na presença de um homem que podia ter estado na presença da realeza.

“Eu tive a enorme satisfação de conhecê-lo”, respondeu o fidalgo tranquilamente, mas não de modo a me induzir a pensar que ele fosse um sujeito importantíssimo por causa disso.

Saiu-me um palavrão de assombro, o que fez o sr. Henderson dar um murro na mesa e responder com outro nome feio.

“Esse navio”, prosseguiu o sr. Zéla, sem fazer caso do pequeno incidente, “deve partir em missão ainda hoje, e surgiu um probleminha, mas um probleminha que nós achamos que você, meu caro Turnstile, pode nos ajudar a solucionar.”

Eu fiz que sim e tratei de acelerar toda aquela história em meu cérebro a fim de compreender o que iam exigir de mim.

“Ontem à tarde”, continuou ele, “um rapazinho, aliás, um garoto da sua idade, que tinha a função de criado do capitão, caminhou pelo bailéu do navio numa velocidade inadequada e o piso de madeira estava molhado. Bem, o importante na história é que ele quebrou as pernas e não pode andar, muito menos navegar. Comenta-se que havia bebido, mas isso não tem a menor importância na nossa conversa. É preciso arranjar um substituto o mais depressa possível, pois o navio se atrasou muito devido ao mau tempo e precisa levantar âncora ainda hoje. O que você acha, meu caro Turnstile, está disposto a se aventurar?”

Eu fiquei matutando. Um navio. Criado do capitão. Era melhor aceitar.

“E a cadeia?”, perguntei. “Eu fico livre dela?”

“Só se você se comportar maravilhosamente bem no navio”, interveio o sr. Henderson, aquele elefante velho e ignorante. “Do contrário, cumpre a pena quando voltar. E triplicada!”

Eu fiz uma careta. Era um dilema e tanto. “E a viagem?”, perguntei ao sr. Zéla. “Posso saber quanto tempo vai durar?”

“Dois anos, creio”, respondeu o fidalgo, dando de ombros como se esse tempo não fosse nada para ele. “Já ouviu falar em Otaheite?”, perguntou. Eu pensei um pouco e fiz que não com a cabeça. “E no Taiti?”, prosseguiu. “Também é conhecido por esse nome.” Tornei a sacudir a cabeça. “Bom, não faz mal. Logo essa sua ignorância será sanada. O destino do navio é Otaheite. Com uma missão muito especial. E, depois de cumprir a missão, o barco retorna à Inglaterra. Ao chegar, você vai receber salário de seis *shillings* por semana durante todo o período que tiver passado fora e, além disso, será absolvido do seu crime. O que lhe parece, meu amigo? Está disposto?”

Eu tentei fazer as contas de cabeça para descobrir quanto seriam seis *shillings* por semana durante dois anos, mas não tinha inteligência para tanto; só sabia que ia ficar rico. Deu-me vontade de abraçar o francês, apesar da sua fidalguia.

“Eu agradeço muito”, disse-lhe, as palavras saíam atropeladamente da minha boca, tal era o meu medo de que ele retirasse a oferta. “É com muita gratidão que aceito sua proposta, e garanto que vou fazer meu serviço em altíssimo padrão o tempo todo.”

“Então está combinado”, sorriu ele, levantando-se e pousando a mão no meu ombro. “Mas não podemos perder tempo. O navio zarpa às quatro horas.” Enfiou a mão no bolso e tirou o relógio, mas enrugou a testa quando deu com o vidro e os ponteiros quebrados. Olhou para mim antes de guardá-lo sem fazer nenhum comentário. “Senhor Henderson?”, perguntou. “Que horas são?”

“Três e quinze”, respondeu o magistrado, que, entediado com a nossa conversa, se concentrara apenas na comida.

“Então temos de nos apressar”, disse o sr. Zéla. “Posso levar o garoto, senhor?”

“Pode, pode”, foi a resposta. “E cuide para que eu nunca mais volte a ver a sua cara por aqui, ouviu bem, seu ladrãozinho de merda? Do contrário, vai se arrepender amargamente.”

“Claro, Excelência. E obrigado por sua generosidade”, acrescentei, acompanhando o sr. Zéla porta afora e rumo à vida nova. Naturalmente, ele foi pelos corredores com a velocidade normal de qualquer pessoa, o que me obrigou a correr atrás dele. Mas, por fim, estávamos do lado de fora, onde sua carruagem nos esperava. Subi depois dele, o coração disparado, ávido por voltar a respirar liberdade e ar fresco. Eu ia sair da Inglaterra e viver uma aventura. Se havia um garoto mais sortudo neste mundo, eu não sabia seu nome nem sua situação.

“Com licença, senhor”, disse quando partimos, “posso saber o nome do navio e o do capitão do qual serei criado?”

“Eu não lhe contei?”, perguntou ele, surpreso. “O barco é a fragata *Bounty*, de Sua Majestade, e está sob o comando de um homem muito capaz e grande amigo meu, o tenente William Bligh.”

Balancei a cabeça e tratei de gravar os nomes na memória; na época, eles não significavam nada para mim. Viramos uma esquina e tomamos o caminho do porto. Eu não olhei para trás nem uma vez, não olhei à minha volta para guardar lembrança das ruas que conhecia tão bem, não perdi um segundo olhando para os paralelepípedos em que eu havia passado talvez mais de uma década roubando e furtando, não pensei nem de passagem no estabelecimento no qual tinha sido criado e no qual haviam me roubado a inocência uma centena de ocasiões. Só tinha olhos para o futuro e para as emoções e peripécias que me esperavam.

Ah, que garoto ingênuo! Eu não tinha a menor ideia do que me aguardava.